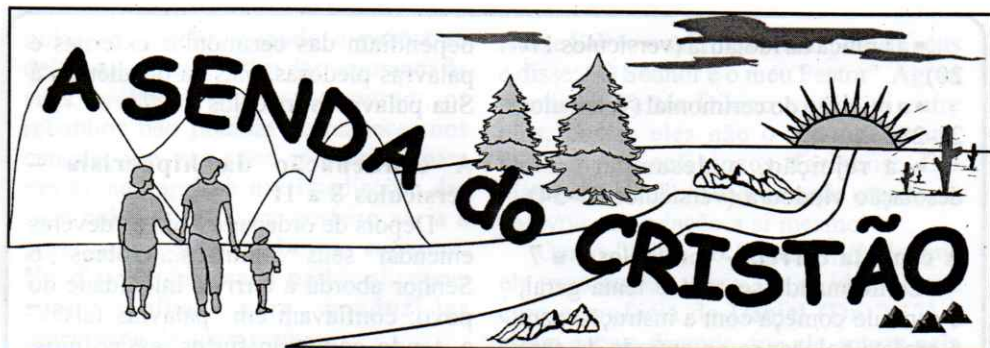




ANO 61 - JULHO A SETEMBRO 2021 - Nº 234

O MINISTÉRIO PÚBLICO DE JEREMIAS

Terceira mensagem

A conduta correta, a hipocrisia e o aviso

Capítulo 7 – versículos 1 a 16

A terceira mensagem (ou série de mensagens) de Jeremias, compreendendo os capítulos 7 a 10, pode ser chamada de “o sermão do templo” e este título é inspirado pelas palavras introdutórias: “*A palavra que da parte do Senhor veio a Jeremias, dizendo: Põe-te à porta da casa do Senhor, e proclama ali esta palavra*” (versículos 1 e 2). A posição de Jeremias na porta do templo, provavelmente a que se achava entre os tribunais internos e externos, lhe assegurava um público grande. É possível que esta mensagem foi dada por ocasião de uma das três peregrinações anuais a Jerusalém (Deuteronômio 16:16).

Note-se que uma passagem semelhante ocorre no capítulo 26:1-7, e à primeira vista parece possível que ambos os capítulos se refiram à mesma ocasião. Mas os profetas frequentemente falavam nas portas e no átrio do templo, bem como citavam Siló (o tabernáculo) como exemplo do julgamento divino

sobre os sacerdotes e profetas cujas palavras não eram acompanhadas pela correspondente santidade de vida e conduta. Nesta ocasião não se menciona qualquer oposição à mensagem dada, encaixando-se bem na época da reforma do rei Josias, enquanto no capítulo 26:8 “*os sacerdotes, e os profetas e todo o povo, pegaram nele dizendo: certamente morrerás.*”

As referências ao templo, “*esta casa, que se chama pelo meu Nome*”, (versículos 10, 11, 14, 30), à palavra do Senhor (versículos 1 e 2) e à adoração ao Senhor (versículo 1), apontam para a lição geral deste capítulo, que contradiz a confiança do povo no templo como sendo a garantia da inviolabilidade de Jerusalém aos ataques de todos os seus inimigos. O ensino do capítulo pode ser dividido como segue:

- a conduta correta (versículos 1-7)
- a condenação da hipocrisia (versículos 8-11)
- o aviso (versículos 12-16)

- a prática da idolatria (versículos 17-20)
- a rejeição do cerimonial (versículos 21-28)
- a rejeição, o desamparo e a desolação vindoura (versículos 29-34)

A conduta correta - versículos 1 a 7

Conformando-se com o tema geral, o capítulo começa com a instrução para o profeta colocar-se na entrada da casa do Senhor e ali proclamar os acontecimentos ao povo de Judá que entrava por aqueles portões para louvar o Senhor. Notemos que os que desejam adorar o Senhor na casa do Senhor devem estar sujeitos à palavra do Senhor. É importante lembrar que há um padrão de conduta apropriado para a casa de Deus. Este é sempre o caso nas Escrituras. Por exemplo, quando Deus disse a Jacó: *"...faze em Betel um altar ao Deus que te apareceu..."*, Jacó ordenou à sua família e a todos que com ele estavam: *"Lançai fora os deuses estranhos que há no meio de vós, e purificai-vos e mudai as vossas vestes"* (Gênesis 35:1, 2). Tendo tratado de vários aspectos da prática da igreja local, Paulo escreveu: *"escrevo-te para que saibas como se deve proceder na casa de Deus, a qual é a igreja do Deus vivo, coluna e esteio da verdade"* (1 Timóteo 3:14, 15). A *"casa que é chamada pelo meu nome"* no Velho Testamento tem sua contrapartida hoje no recinto em que se reúne a igreja local.

O Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel, ordenou que emendassem os seus costumes e os seus feitos para que os fizesse habitar naquele lugar. Não deviam confiar nas palavras dos mentirosos, os falsos profetas, que apenas diziam que aquele prédio era o templo do Senhor (sem cuidar da purificação de quem entrava). A ocupação e o usufruto da terra não

dependiam das cerimônias externas e palavras piedosas, mas da obediência à Sua palavra (versículos 5 a 7).

A condenação da hipocrisia - versículos 8 a 11

Depois de ordenar a Judá a *"deveras emendar"* seus *"caminhos... e obras"*, o Senhor aborda a terrível iniquidade do povo: confiavam em *"palavras falsas"* e, tendo cometido furtos, assassinios, adultério, mentiras, idolatria, vinham à Sua casa, chamada pelo Seu nome, e alegavam que estavam livres para praticar todas aquelas abominações. Teria então a Sua casa, que se chama pelo Seu nome, se transformado em uma caverna de salteadores, em sua opinião?

Sua confiança em que o templo iria garantir a sua conservação do mal lhes deu a ideia de que poderiam violar a lei impunemente. Não admira então que seu comportamento tenha provocado a refutação divina. É quase inacreditável que no meio de suas muitas iniquidades o povo ainda imaginava que iria ser libertado da iminente destruição com suas práticas religiosas.

Lembremos que, no Apocalipse, o Senhor diz para as igrejas usadas como exemplo: *"conheço as tuas obras"*, e ao povo do Senhor faz bem lembrar constantemente que *"todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele a quem havemos de prestar contas"* (Hebreus 4:13).

O aviso - versículos 12 a 16

A expressão *"esta casa, que se chama pelo meu nome"* (versículos 10 e 11) recorda o tabernáculo em que o Senhor se fizera presente entre seu povo, e ficara na cidade de Siló até a construção do templo por Salomão. Ele manda que contemplem o que fizeram dele por causa da maldade do seu povo Israel.

Até o tempo de Samuel, Siló fora a localização do tabernáculo (Josué 18:1, 1 Samuel 1:3). Mas como resultado da pecaminosidade do seu povo, especialmente dos sacerdotes, *“o Senhor desamparou o tabernáculo em Siló, a tenda da Sua morada entre os homens”* (Salmo 78:60), e Siló fora destruída pelos filisteus.

Agora, *“esta casa”* (o templo de Salomão) seria destruída da mesma forma que Siló, porque, diz o Senhor: *“fizestes todas estas obras, e quando vos falei insistentemente, vós não ouvistes, e quando vos chamei, não respondestes”*. E acrescentou: *“eu vos lançarei da minha presença, como lancei todos os vossos irmãos, toda a linhagem de Efraim”*. A Jeremias Ele ordena: *“não ores por este povo, nem levantes por ele clamor ou oração, nem me importunes, pois Eu não te ouvirei”*.

O Senhor é justo, e não pode se acomodar com os rebeldes. A ideia de que Jerusalém seria destruída com seu templo, e seu povo deportado, era uma perspectiva incompreensível para aqueles que confiavam em “palavras mentirosas”. Mas sua história ilustre e relacionamento especial com o Senhor no passado não lhe davam licença para desobedecer-lhe agora.

No Novo Testamento podemos encontrar uma situação paralela na história da igreja em Éfeso: Ela fora plantada por ninguém menos que o apóstolo Paulo (Atos 19:9-10); seus anciãos tiveram uma entrevista pessoal com Paulo em Mileto (Atos 20:17-38); Timóteo ministrava ali (1 Timóteo 1:3). Mas com tudo isso, o Senhor Jesus disse para a mesma Igreja: *“Tenho, porém, contra ti que deixaste o teu primeiro amor. Lembra-te, pois, donde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras; e se não, brevemente virei a ti, e removerei do seu lugar o teu candeeiro, se não te arrependeres”*. (Apocalipse 2:4, 5).

Nunca devemos esquecer que a bênção atual depende da espiritualidade presente. Uma igreja pode ter sido bem fundamentada e ter prosperado no passado, mas isso não garante um progresso contínuo ou preservação. Enquanto fatores como mudanças de domicílio, falecimentos, etc., podem resultar em números reduzidos e extinção de algumas congregações, muitos empreendimentos do povo de Deus têm fracassado por dar acolhimento a falsas doutrinas, e mesmo a dissensões internas.

(Continua no próximo número).

R. David Jones

4 PASSOS LARGOS

Jonas 1:3-4

No fim do último estudo falamos sobre o caminho que Jonas escolheu. Vejam o rumo que a vida de Jonas tomou.

Fora

Ele não queria ficar na presença de Deus porque estava fora da vontade de Deus.

Em Gênesis 4:12, 16 lemos de Caim, homem como Jonas que escolheu o seu próprio caminho. O filho de Adão

recusou obedecer à voz de Deus, e descobriu que o preço que teria que pagar era elevadíssimo e que sairia da presença do Senhor, seria um fugitivo para sempre, uma pessoa sem paz e sem contentamento. Jonas foi engolido pelo grande peixe, mas Caim foi devorado pela fera chamada “pecado” (v. 7). Este homem reconheceu que o prejuízo de desobedecer ao Senhor foi grande – “É

tamanho o meu castigo que já não posso suportá-lo” (v. 13).

Em João 13:30 lemos da triste sorte de Judas, homem este que andava na companhia do Senhor Jesus, presenciava os prodígios que operava, ouvia o Senhor a destilar palavras de sabedoria divina, de advertência, mas escolheu o caminho errado, permitiu que Satanás o usasse, entrasse nele e saiu da presença do Senhor, e o comentário solene da Palavra de Deus é que saiu “e era noite”.

Estes dois nunca voltaram à presença do Senhor, a comunhão nunca foi restaurada, nunca mais se tornaram úteis ao Senhor.

Pedro saiu da presença do Senhor. A sua impetuosidade, orgulho, autoconfiança levou-o a seguir de longe, a negar o Salvador e saiu da presença do Senhor, derramou copiosas lágrimas, chorou amargamente. Graças ao Senhor ele voltou a ter plena comunhão com o Senhor, foi restaurado, e tornou-se um instrumento tão importante nos planos de Deus para a igreja.

Jonas saiu da presença de Deus. Ele chegou a Jope, a qual significa “beleza”, mas aquele passo fora da vontade do Senhor levou-o a uma experiência deslegante, desagradável e feia. Jonas começou a correr, não tinha paz, era impossível sossegar-se, perdeu aquela qualidade de contentamento e tornou-se um fugitivo.

O segundo movimento na vida de Jonas é revelado na história:

Desceu

No momento em que alguém sai da vontade e da presença do Senhor, ele começa a descer. Veja como o verbo “descer” é repetido várias vezes:

“desceu para Jope” - v. 3.

“desceu para dentro dele” - v. 3 (ARC).

“desceu ao porão” - v. 5.

“desceu às profundezas do mar” - 2.6.

O propósito do inimigo é fazer o ser humano tropeçar, cair e descer (Marcos 5:13; Lucas 10:30). O homem que caiu nas mãos dos salteadores saiu de Jerusalém (que ficava mais de 700 metros acima do nível do mar) e foi para Jericó (cidade esta que ficava mais de 400 metros abaixo do nível do mar). A distância entre as duas cidades era mais ou menos 30 quilômetros. Foi uma descida rápida e acentuada, e é assim com a pessoa sem Cristo.

O mesmo inimigo tenta humilhar, reduzir ao pó o cristão. (Mateus 4:6, 9; Neemias 6:3). Ele quer que o filho de Deus abandone o padrão elevado de Deus, as suas ambições espirituais mais nobres, as convicções alicerçadas na Palavra de Deus, a sua vida exemplar e pureza. Sim, precisamos responder como Neemias: “Não posso descer”.

Já deixou a presença do Senhor, a comunhão com Ele? Quando isso acontece, a vida espiritual entra em declínio, enfrentamos fracasso e naufrágio espiritual. Talvez isso já aconteceu em sua vida. O que vai fazer? Fará como Caim e Judas, ficará prostrado, vencido e inútil, ou como Jonas e Pedro arrepender-se-á e voltará ao Senhor com confissão? Qualquer cristão pode cair, mas o cristão genuíno não fica caído.

Há uma maneira de não cairmos – e é confiarmos mais e mais no Senhor – (Judas 24).

No estudo anterior falamos sobre o curso, o custo e o caminho de Jonas, agora, vejamos

O compromisso “para ir com eles”
v. 3.

Jonas decidiu viajar com os marinheiros incrédulos, com as pessoas do mundo, fez um contrato com eles, assumiu um compromisso firme com

eles. Ao invés de Jonas convidar os incrédulos a acompanhá-lo no caminho certo, como Moisés fez anos antes: “vem conosco, e te faremos bem” (Números 10:29); ele foi com eles.

Somos fiéis ao Senhor ou temos um compromisso com o mundo? Judas e Pedro ficaram com eles (João 18:5, 18). João e as mulheres ficaram com o Senhor (João 19:5-27). Está com eles ou com Cristo? Quando deixamos o lado ferido do Senhor, automaticamente estamos tomando o nosso lugar ao lado do mundo (1 João 2:15; Tiago 4:4).

Estou seguindo a Jesus Cristo,

Deste caminho jamais desisto,

Estou seguindo a Jesus Cristo,

Pra trás não volto, não volto não.

Foi um momento decisivo na história do povo de Israel. Arão, em vez de ficar com o Senhor, foi com eles, atendeu ao convite dos israelitas e fez o bezerro de ouro. Reconhecendo a importância daquele momento, Moisés pôs-se em pé à entrada do arraial e disse: “Quem é do Senhor, venha até mim” (Êxodo 32:26). Precisamos de homens de Deus como Moisés para desafiar a igreja neste momento crítico na história do povo de Deus.

Jonas não quis cumprir a ordem do Senhor, fazer a obra do Senhor, por isso fugiu e perdeu a alegria que a presença do Senhor proporciona. Aqueles que cumprem a ordem do Senhor, que vivem dentro da vontade do Senhor são assegurados da presença do Senhor - Mateus 28:18-20.

O PODER DO SENHOR - vs. 4 -17.

a) A tempestade

Jonas chegou a Jope, porto importantíssimo daqueles tempos. Será que ele ficou observando o movimento da maré, das águas do mar, a enchente e a vazante da maré? Em Jope vemos a

vazante da vida espiritual de Jonas. É o refluxo da maré espiritual de Jonas.

O nome Jope significa “beleza” ou “altura”, mas Jope não indicou o ponto mais alto da vida deste profeta, antes pelo contrário, foi uma das coisas que contribuiu para a queda dele. Salmo 96:6 afirma que força e formosura são achadas no santuário, quer dizer na presença do Senhor.

A cidade de Jope ficou no território de Dã. Jacó em sua bênção patriarcal menciona coisas interessantes quanto à tribo de Dã, Gênesis 49:16-18. Dã iria julgar o seu povo como uma das tribos de Israel. Pedro em Jope fez isso. Ele julgou que o povo de Israel era a única nação que deveria ser abençoada pelo Senhor. Pedro aprendeu uma lição importante – os planos de Deus incluem os gentios. Por outro lado, Jacó disse que Dã seria como serpente junto ao caminho, uma víbora junto à vereda, que morde os talões do cavalo e faz cair o seu cavaleiro por detrás. Foi isso que aconteceu no caso de Jonas. Lá em Jope, a serpente estava à espera e Jonas, por assim dizer, caiu do cavalo.

Jonas embarcou no navio, mas logo Deus enviou uma tempestade. A tempestade era símbolo do conflito que existia entre Jonas e o Senhor. Águas turvas sempre resultam da nossa rebeldia contra o Senhor. O pecado sempre traz uma tempestade. Quando o Senhor tomou o nosso lugar na cruz e levou sobre Si o nosso pecado, Ele conheceu a tempestade da ira de Deus (Salmo 42:7; 69:1-2).

O profeta confiava nos seus próprios planos e no navio para o levar longe de Deus. A sua confiança ele depositou no navio, mas Deus mostrou o Seu poder infinito e o navio tornou-se como uma boia pequena açoitada pelas ondas bravias do mar.

Na Palavra de Deus, encontramos tempestades de vários tipos:

A tempestade física – Atos 27:9-26; 1ª Coríntios 10:13.

Nessas tempestades precisamos demonstrar a mesma confiança que Paulo tinha – Atos 27.25.

A tempestade satânica – Marcos 4:35-41.

Jesus Cristo estava a fazer a vontade de Deus, aliás, Ele sempre fazia as coisas que eram do agrado do Seu Pai. A tempestade foi a tentativa de Satanás para destruir o Salvador, desviá-lo dos planos de Deus, mas ele não conseguiu, pois, a hora do Senhor não era chegada.

Como cristãos podemos conhecer esse tipo de tempestade. Jó conheceu o ataque satânico, como também Paulo, o apóstolo. Quantas vezes Satanás impediu viagens do apóstolo, o espinho na carne foi o mensageiro do inimigo para o esbofetear. Podemos resistir à tempestade satânica, quando temos Cristo no barco e quando tomamos toda a armadura de Deus. (Efésios 6).

A tempestade divina – Jonas 1:4.

Deus tem muitas maneiras de ensinar e corrigir Seus filhos. A disciplina de Deus é para nos trazer de volta ao Senhor. Jonas não quis cumprir os propósitos do Senhor, não quis abandonar seus próprios planos. Ele enfrentou a fúria da tempestade, foi lançado ao mar para morrer. Na verdade, Jonas considerou que morreu em figura (Jonas 2:6). Deus tomará providências e mandará tempestades à nossa vida até aprendermos a morrer aos nossos próprios planos e a nós mesmos.

b) A seriedade do passo

Nenhuma pessoa é uma ilha. A nossa vida tem um impacto na vida dos outros. O nosso exemplo exerce uma influência que pode ser positiva ou negativa. Como os marinheiros sofreram por causa de

Jonas! Os marinheiros eram inocentes, mas sofreram as consequências do pecado de Jonas.

Todos nós sofremos as consequências tristes do pecado de Adão e Eva. A nação de Israel sofreu derrota por causa da transgressão de Acã. Urias, Bate-Seba, Davi, o filho e a família de Davi sofreram prejuízos por causa da sua iniquidade dupla.

Igrejas sofrem quando um membro se torna presa do diabo, quando é necessário disciplinar um irmão errante. Quantas igrejas sofrem como resultado de decisões erradas, passos fora da vontade de Deus, quantas pessoas inocentes, como os marinheiros são disciplinados sem motivo justo.

O nome Jonas significa “pomba”. A pomba é um símbolo de mansidão, de algo inofensivo (Mateus 10:16; Filipenses 2:15). Dizem que a pomba é inofensiva por não ter fel, e fel desde os tempos idos significa “contenda”, “amargura”, “rebeldia”. Jonas era uma pomba com fel, pois estava cheio de amargura e rebeldia. Ele não era inofensivo, pois provocou muitos problemas e desencadeou uma série de catástrofes para outros.

c) A tranquilidade do profeta – v. 5.

A pomba de Noé deixou a arca, mas não achou onde pousar o pé, um lugar de abrigo, ficou inquieta e voltou à arca. (Gênesis 8:8-9). Jonas era uma pomba errante, mas achou um lugar para descansar. Como é que Jonas conseguiu dormir no meio da tempestade? Como podia ficar indiferente enquanto a mão de Deus pesava sobre o navio, os marinheiros e ele mesmo?

A igreja de Deus encontra-se em péssimas condições, está a ser embalada pelo inimigo, e, ao mesmo tempo, açoitada pelos ataques satânicos, e pelas doutrinas nefastas que têm a sua origem

no inferno. E o que é que a igreja está a fazer? Está a dormir!

Há crentes fora da vontade de Deus, sendo disciplinados pelo Senhor, a mão de Deus pesa sobre eles e o que estão fazendo? Estão a dormir tranquilamente como se tudo estivesse bem.

A estaca penetrou o crânio de Sísera enquanto adormecia (Juízes 4:17-21). A noiva adormeceu e perdeu contato com o noivo (Cantares de Salomão 3:1-5; 5:3-8). O inimigo semeou o joio enquanto os trabalhadores dormiam (Mateus 13:24-25). Os discípulos dormiram e

quase perderam a visão gloriosa do Senhor (Lucas 9:28-36). Sansão dormiu nos braços de Dalila e perdeu o cabelo e a força (Juízes 16:19-22). Os discípulos não compreenderam o drama do Jardim de Getsêmani, dormiram e não vigiaram com o Senhor na hora da Sua agonia (Mateus 26:36-46). O moço chamado Êutico dormiu e caiu morto (Atos 20:7-12). Estes trechos mostram a perda, o prejuízo, os perigos que corremos e que a igreja corre quando dormimos. (Romanos 13:11-14; Efésios 5:14-17).

Walter Alexander

AS TRÊS PESSOAS DA TRINDADE DIVINA AGEM A NOSSO FAVOR

1 Pedro 1:17-25

REDEÇÃO PELO SANGUE DE CRISTO – v. 19

Somos culpados como pecadores e sujeitos à morte eterna, separados de Deus, a irmos para o inferno, a passarmos a Eternidade longe de Deus.

Mas a justiça divina clamava por nossos pecados e, para apaziguar o clamor da justiça divina, o Senhor Jesus Cristo intercedeu por nós. O Seu sangue foi o preço que a justiça divina exigia. Um intermediário para sofrer em nosso lugar. Nunca houve uma compra e nunca haverá uma compra que custasse tanto.

Redenção é compra. Fomos redimidos, isto é, fomos comprados. E o preço de nossa compra foi o sangue que o Senhor Jesus Cristo derramou na cruz do Calvário. Eis o preço de nossa compra.

O único puro (o Senhor Jesus Cristo) pôde tornar-se o nosso purificador. Para isso, Ele precisou dar a Sua vida, uma vida eterna, para que nós tivéssemos vida, a vida eterna.

Esta foi a Obra do Filho a nosso favor.

REDEÇÃO PELO PODER DO PAI – v. 21

A morte do Senhor Jesus Cristo não teria valor algum, apesar de tanto valor, se o Salvador não tivesse ressuscitado. O que um Salvador morto poderia fazer por nós? Mas o Pai O ressuscitou. A ressurreição do Senhor é a prova de que o Pai aceitou a Sua morte a nosso favor, por nossos pecados.

Entendamos assim: pagamos uma compra com um cheque, mas aquele cheque não tem valor algum enquanto o banco não o transforma em dinheiro. O banco diz que aquele cheque tem valor.

Assim o Pai aceitou a morte de Seu Filho querido pela conta que nós tínhamos que pagar e Ele aceitou o preço que foi pago. Foi o preço de Alguém que não tinha pecado, mas que foi morto a favor dos pecadores.

Seu poder se manifestou em nossa vida.

Esta foi a Obra do Pai a nosso favor.

REGENERAÇÃO PELA

PALAVRA – v. 23

Este é o valor da Palavra que em nós foi enxertada. Ela é a semente incorruptível que ouvimos um dia e na qual acreditamos e aceitamos. Ela nos mostrou os nossos pecados e injustiças praticadas contra Deus.

Ela é viva e permanente. Ela é tão viva no tempo dos apóstolos como é

hoje. Ela permanece eternamente.

Quando usada pelo Espírito Santo, ela regenera, ela esclarece nossas trevas, transformando-as em luz clara e cristalina. Ela, usada pelo Espírito Santo, nos regenera.

Esta foi a Obra do Espírito Santo a nosso favor.

Ramon J. Amill

DEUS É O CRIADOR E SUSTENTADOR DA FAMÍLIA

Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre o homem, e este adormeceu; tomou-lhe, então, uma das costelas, e fechou a carne em seu lugar; e da costela que o senhor Deus lhe tomara, formou a mulher e a trouxe ao homem. Então disse o homem: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; ela será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada. Portanto deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unir-se-á à sua mulher, e serão uma só carne. E ambos estavam nus, o homem e sua mulher; e não se envergonhavam. (Gn. 2:21-25)

A família é a instituição mais antiga na história humana. Ela é núcleo central da sociedade e o esteio seguro e firme da civilização. A família não foi idealizada por mente humana, mas pela mente Santa e perfeita do Deus eterno e perfeito.

Por tudo isso, a família tem sido tão duramente atacada por Satanás, que na redoma da sua maldade, visa destruir tudo aquilo que Deus criou e tanto ama. O inimigo sabe que atacando a família, desfere golpes no próprio Criador; e aniquilando a estrutura familiar estará fazendo ruir as bases da sociedade humana, lançando-a no caos moral e social.

No mundo pós-moderno, a inversão dos valores visa à desconstrução da estrutura familiar tal como Deus a criou. O padrão para a família descrito nas Escrituras tem sido questionado e atacado

de forma aberta por políticos, filósofos, escritores e tantos outros formadores de opinião. A grande mídia tem embarcado na ideia do "politicamente correto" imprimindo nas mentes menos atentas que os valores familiares estão ultrapassados e que tudo necessita ser "repensado".

O que se pode perceber é a artimanha orquestrada a fim de diminuir o valor da família, colocando-a como uma instituição falida, arcaica que na mente dos tais precisa ser reinventada e para tanto, o modelo tradicional tem de dar lugar às novas e diversas "configurações" familiares. Com isso, a grande mídia quer que todos aceitem e compreendam que duas pessoas do mesmo sexo podem formar uma família, tendo inclusive, direitos legais.

Como cristãos, temos um papel

fundamental e não podemos nos mover um milímetro sequer do padrão estabelecido por Deus na Sua Palavra. Precisamos, sim, orar ao Senhor para que nossas famílias sejam guardadas pelo Senhor no meio do turbilhão maléfico destruidor em um mundo de pecado, maduro para o juízo iminente. Na verdade, o mundo não pode dizer como a família deve ser. Somente aquele que é o Criador e Sustentador da família determina como ela deve funcionar visando à glória dEle mesmo.

Há um texto intrigante na Palavra de Deus, que desperta nosso ânimo: "Quando edificares uma casa nova, farás no terraço um parapeito, para que não tragas sangue sobre a tua casa, se alguém dali cair". (Dt 22:8). O contexto deste importante versículo são as instruções dadas ao povo de Israel acerca do trato para com o próximo, no exercício das leis dadas pelo Senhor. Porém é muito apropriado para o assunto que estamos a tratar aqui.

Observe o leitor que, ao construir uma nova casa, um detalhe não deveria ser esquecido - o parapeito. A instrução dada era simples: para que nenhuma tragédia viesse a ocorrer e o dono da casa ser acusado de negligência e, consequentemente, culpado pelo sangue inocente. Creio que podemos aplicar hoje essa mesma orientação à situação das famílias cristãs. Necessitamos de parapeitos nas nossas casas. Quais os parapeitos que precisamos construir?

1 - O Parapeito da Oração - Mt 18:19-20; At 21:5. Não podemos deixar de orar pelas nossas famílias. As investidas do inimigo são implacáveis e só teremos êxito na luta, à medida que orarmos ao Senhor, pondo diante dEle cada necessidade das nossas famílias. Pais estão perdendo seus filhos na lama do mundo. Nossa juventude tem sido

atraída pela sedução do sistema ímpio das trevas. Deus é o sustentador da família e nós não podemos ser esmorecidos nas súplicas ao único que pode nos socorrer.

Com o advento da tecnologia ao alcance de todos, nossas crianças e adolescentes têm na palma das mãos o acesso a qualquer informação que bem desejar. Na grande maioria, o desejo de se obter tais informações não é pautado pela ética e bom senso e muito menos pelos parâmetros espirituais. Essa geração tem sido bombardeada a cada instante pelas obras das trevas e as consequências disso é a formação de pessoas de caráter defeituoso. A arrogância, o orgulho, o egoísmo são apenas alguns fatores desencadeados por esse bombardeio de lixo a todo momento. Precisamos do parapeito da oração.

2 - O Parapeito da Obediência a Deus - Dt 5:29; Tg 1:25. Sem a devida obediência a Deus e à Sua Palavra, podemos estar certos de que o fracasso é certo e virá. Nossa geração tem sido privilegiada pela facilidade de acesso às Escrituras. Hoje, compra-se uma Bíblia nas bancas de jornais ou em revistas de produtos de beleza, isso sem contar a enxurrada de aplicativos para smartphones, computadores e tablets. Ou seja, a questão não é o acesso à Bíblia, e sim, o que nossa geração tem feito com tanta facilidade para se estudar a Palavra de Deus.

É assustador o fato de que muitos, ao serem confrontados acerca de sua prática pecaminosa, respondem citando a Bíblia: "cada um dará contas de si mesmo a Deus". Fazem uso da Palavra da Verdade a fim de dar respaldo às suas práticas pecaminosas. Uma situação assim demonstra o quanto muitos têm banalizado a Palavra de Deus, ainda que afirmando conhecê-la.

A Palavra de Deus é o nosso mapa seguro e em obedecer-lhe está a certeza de que nossas famílias poderão triunfar em Cristo.

3 - O Parapeito da Fidelidade a Deus - Ap 2:10; 17:14. Chamar de infiéis alguns cristãos da nossa geração não seria nenhum exagero. Há aqueles que são infiéis ao Senhor na obscuridade dos seus negócios, outros, ao reter dívidas e ofertas que devem ser destinados à obra do Evangelho. Outros são infiéis na administração do seu tempo, pois têm tempo para tudo, menos para as coisas de Deus. Tais atitudes de infidelidade têm contribuído para que as famílias sofram os reveses como consequência. Filhos que não conseguem ver fidelidade de seus pais ao Supremo Senhor tendem a ser infiéis em todos os aspectos.

4 - O Parapeito do Temor do Senhor - Ec 12:13; 1ª Pe 1:17. É impressionante como esse parapeito está defeituoso nas famílias cristãs. O temor do Senhor é o reconhecimento de quem é Deus e da majestade do Seu poder, mas também o reconhecimento de quem somos nós, tão

pequenos e completamente dependentes da misericórdia do Senhor.

Como carecemos ver famílias onde o Temor do Senhor dita o ritmo do relacionamento conjugal, do relacionamento entre pais e filhos, irmãos e irmãs. O único remédio contra o que o mundo vem impondo sobre as famílias é a construção desses parapeitos, a fim de que ninguém "caia e morra" e o "dono da casa" seja acusado de negligência. Que Deus tenha misericórdia!

Assim como o Senhor não muda, Sua Palavra também permanece inalterada. Ou seja, os preceitos de Deus são válidos e atuais nestes tempos modernos, tanto quanto foram em dias passados. A Sua orientação, ordem e promessas para a instituição chamada família continuam em pleno vigor santo. Deus não abriu mão da exigência de que nossas famílias sejam santas, cumprindo o propósito para o qual a família veio a existir - a glória de Deus!

Adonias Gonçalves

ISMAEL E ISAAQUE - AS DUAS NATUREZAS

*O Senhor foi bondoso com Sara, como lhe dissera,
e fez por ela o que prometera. (Gn 21:1)*

Leitura: Gênesis 21:1 a 21

Aqui temos o cumprimento da promessa divina (Gn 15:4), e o fruto bendito da esperança paciente. Ninguém espera em vão em Deus. A alma que pela fé se apropria das promessas de Deus entra na posse de uma realidade positiva, que nunca pode causar um desengano. Assim experimentou Abraão, e assim todos, mesmo não tendo sua grande fé, confiam no Deus vivo. Que felicidade ter o próprio Deus como nossa porção e lugar de descanso no meio das

ilusórias sombras que o mundo nos oferece! Que consolação, que sossego é para nossas almas poderem apoiar-se na "âncora da alma, segura e firme, e que entra dentro do véu" (Hebreus 6:19), tendo por firme consolação duas coisas imutáveis: a Palavra e o Juramento de Deus.

Quando Abraão teve diante dos seus olhos o cumprimento da promessa divina, foi então que pôde compreender como eram inúteis seus próprios

esforços para conseguir tal cumprimento. Ismael era uma criatura completamente inútil quanto à promessa de Deus. Podia ser, e era na verdade, um objeto dos afetos naturais do coração de Abraão, acarretando para si não poucas dificuldades. Mas para o cumprimento do propósito de Deus para fortalecer a fé de Abraão não era apenas inútil, mas sim prejudicial.

A natureza era importante para realizar o propósito de Deus. Era preciso que Deus interviesse e que Deus operasse; e é preciso que a fé sempre espere em Deus e que não conte com a energia natural, mas com o poder divino. Desse modo a glória divina pode resplandecer e a fé pode encontrar nesta manifestação uma recompensa rica e plena. Sara engravidou e deu um filho a Abraão em sua velhice, na época fixada por Deus em sua promessa (Gn 21:2).

Existe um tempo determinado por Deus e é preciso que o crente saiba esperá-lo com paciência. O tempo pode parecer longo, e a prova a que se submete a esperança é capaz de desanimar o coração. Mas o homem espiritual há de consolar-se sempre com a certeza de que tudo isso tem como fim a manifestação da glória do Senhor. Hebreus 2:3, 4.

Coisa maravilhosa é esta fé! Introduz no nosso presente todo o poder do futuro segundo os propósitos de Deus, e alimenta-se com as promessas de Deus, alegrando-se nas coisas que não são como se já fossem. Pelo seu poder a alma fica ligada a Deus ainda que todas as circunstâncias que nos rodeiam pareçam estar contra ela, mas no tempo determinado, Deus enche nossa boca de riso e a nossa língua de cântico (Sl 120:2).

"E era Abraão da idade de cem anos quando lhe nasceu Isaque seu filho" (v. 5).

Nada tinha, pois, neste caso, de que se gloriar da natureza.

Quando o homem se acha totalmente sem recursos, então é chegada a hora de Deus operar, resultando isso em bênção e gozo para os seus (v. 6). Tudo se muda em gozo triunfante quando Deus pode manifestar-se.

Mas se o nascimento de Isaque encheu de riso a boca de Sara, introduziu um elemento completamente novo na casa de Abraão.

O filho da livre apressou o desenvolvimento do verdadeiro caráter do filho da escrava (Gl 4:30). Na verdade Isaque foi, em princípio, para a casa de Abraão o que a entrada da nova natureza é para a alma do pecador.

Ismael não mudou, mas Isaque nasceu.

O filho da escrava nunca pode ser diferente do que na verdade era: seria pai duma grande nação, que habitaria no deserto, seria frecheiro, pai de doze príncipes (Gn 25:16) - tudo isso não o livrava de ser filho da escrava.

Por outro lado, por débil e desprezado que fosse Isaque, era filho da mulher livre e tudo quanto possuía vinha-lhe do Senhor: a sua posição, sua categoria, os seus privilégios e as suas esperanças. "O que é nascido da carne, é carne, e o que é nascido do espírito é espírito". (João 3:6).

A regeneração não é uma reforma da velha natureza, mas sim a introdução da natureza, ou da vida, do Segundo Adão, pela operação do Espírito Santo, fundada na Redenção efetuada por Cristo, de acordo perfeito com a vontade e conselho soberanos de Deus.

Desde o momento em que o pecador crê de coração no Senhor Jesus Cristo e o confessa com os seus lábios, entra na posse duma vida nova, e esta vida é Cristo; já nasceu de Deus, é filho de

Deus, é, por assim dizer, filho da livre (Gl 3:26 e 4:31; João 3:2).

A introdução da nova natureza não muda de modo nenhum o caráter essencial da natureza velha. Esta fica a mesma que dantes, sem melhorar em nenhum sentido, e, de fato, o seu mau caráter se manifesta mais claramente na sua oposição ao elemento novo.

A carne cobiça contra o Espírito e o Espírito contra a carne; e estes se opõem um ao outro (Gl 5:17). Estes dois elementos são inteiramente distintos, e um faz ressaltar mais o outro. A doutrina da existência das duas naturezas no crente é geralmente pouco compreendida. Enquanto a ignorância a esse respeito continuar, não se pode deixar de errar na compreensão da verdadeira posição e privilégios do filho de Deus. Alguns creem que a regeneração é uma mudança que se opera pouco a pouco na velha natureza até que o homem esteja totalmente mudado. Por várias passagens das Escrituras é fácil provar que essa opinião é errônea. Assim, por exemplo, lemos: A inclinação da carne é inimizada contra Deus (Rm 8:7). Será que o que é inimizado contra Deus é capaz de melhorar? O apóstolo afirma: Não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode ser, (Rm 8:7). Se não pode sujeitar-se à lei de Deus, como pode melhorar? E outra vez: "O que é nascido da carne é carne" (João 3:6). Submetendo a carne ao tratamento que se quiser, o que é certo é que sempre será carne. Disse o rei Salomão: "Ainda quando pisares o tolo com uma mão de gral entre grãos de cevada pilada, não se irá dele a sua estultícia" (Pv 27:22). Em vão se trabalha para transformar a loucura em sabedoria: é preciso que no coração que até agora se tem deixado governar só pela loucura, se introduza a sabedoria que vem do alto. E temos as

palavras do apóstolo: "Já vos despistes do velho homem" (Cl 3:9). Não diz: "Já vos melhorastes ou procurastes melhorar o velho homem, mas despistes do velho homem, o que é uma coisa muito diferente, tão diferente como é o ato de pôr remendos num vestido e o de o atirar fora por não ser possível remendá-lo". No pensamento do apóstolo, trata-se na verdade de despir-se do que é velho e vestir-se ou identificar-se com o que é novo.

Seria fácil multiplicar as citações para provar que a teoria do melhoramento gradual da natureza velha é falsa e errônea e para mostrar que, sendo esta natureza impossível de melhoramento, Deus tem tratado de lhe pôr termo judicialmente na cruz de Cristo, e o que temos que fazer é guardá-la assim no lugar da morte, dominando-a mediante o poder da nova vida que possuímos pela união com a nossa Cabeça que está nos céus, que é Cristo.

O nascimento de Isaque não só não melhorou Ismael, mas, pelo contrário, fez realçar a sua oposição fundamental ao filho da promessa. Podia ter-se comportado sossegado e ordeiramente até a chegada de Isaque, mas naquele momento mostrou-se tal qual era, zombando do filho da ressurreição e perseguindo-o. Onde estava então o remédio? Seria no melhoramento de Ismael? Não, muito pelo contrário, pois lemos: "Deita fora esta serva e seu filho; porque o filho desta serva não herdará com meu filho, com Isaque" (v. 10). Eis o remédio único! "Aquilo que é torto não se pode endireitar" (Eclesiastes 1:15); por isso temos de desfazer-nos do que é torto para darmos lugar ao que é divinamente direito. Perdem-se todos os esforços procurando, nesse sentido, endireitar o que é torto.

Portanto é inútil, no que se refere a

Deus, esforçar-se para melhorar a natureza velha. Pode trazer vantagens aos homens cultivando-a, melhorando o que tem proveito para eles, mas Deus deu aos seus filhos uma tarefa infinitamente melhor, a saber, a de cultivar o que é criado por Ele e cujos frutos, embora de nenhum modo sirvam para exaltar a carne, redundam em louvor e glória para Deus.

Ora, o erro das igrejas da Galácia consistia em que elas davam lugar àquilo que favorecia e dava importância à carne.

"Se não vos circuncidastes conforme o uso de Moisés, não podeis salvar-vos" (Atos 15:1). Por esse dogma a salvação passa a depender de alguma coisa que o homem podia ser, fazer ou guardar. Assim, tornava-se vã a gloriosa obra da Redenção, que, como nós bem sabemos, baseia-se exclusivamente em Cristo e no que Ele fez; pois, o ligar a salvação, ainda que seja de um modo muito remoto, com alguma coisa de suposto bem que haja no homem, ou que tenha sido feito pelo homem, é o mesmo que a colocar de lado inteiramente. Em outras palavras, é preciso deitar fora Ismael e que todas as esperanças de Abraão se firmem naquilo que Deus tem feito e dado na pessoa de Isaque. É desnecessário dizer que esta salvação não deixa ao homem nada em que se possa gloriar. Se a bem-aventurança presente ou futura se fundasse numa mudança feita na natureza velha, embora efetuada por poder divino, a carne nisso poderia gloriar-se, pois seria sempre a nossa natureza, alguma coisa de nós, que tinha sido melhorada e assim não se daria a Deus toda a glória. Mas quando somos introduzidos numa nova criação, descobrimos que tudo é novo e tudo é de Deus; o propósito e a obra pela qual se realizam são dEle só. É Deus quem trabalha e nós O adoramos; é Ele que abençoa e somos nós os abençoados;

é Ele o maior e nós os menores (Hb 7:7); Ele que dá e nós quem recebemos. Eis o que faz do cristianismo o que é, e ao mesmo tempo o distingue de todos os sistemas religiosos de iniciativa humana, quer seja o romanismo ou qualquer outro sistema. As religiões humanas concedem sempre mais ou menos lugar e importância ao homem natural; guardam, por assim dizer, a serva e o seu filho na casa; dando, assim, ao homem alguma coisa em que se possa vangloriar.

Pelo contrário o cristianismo puro exclui o nosso homem velho, o que somos por natureza, de toda a participação na obra da salvação, e deita fora, por assim dizer, a serva e o seu filho, e dá toda a glória a Quem ela unicamente pertence.

Mas vejamos agora como o apóstolo Paulo na sua carta aos Gálatas explica a significação simbólica da escrava, de Agar, dizendo que representa o pacto de lei, o do monte Sinai, e corresponde a Jerusalém que é escrava com os seus filhos. Ismael representa a semente segundo a carne, Isaque segundo o Espírito; aquele a geração natural, este a geração espiritual, a geração de fé. A geração da escrava é só de escravos e nunca pode gerar um homem livre. A lei nunca pode dar a liberdade, pois aplica-se ao homem na carne, e tem domínio sobre ele por todo o tempo que vive. (Rm 7:1) Enquanto nós vivemos debaixo do domínio da lei, não somos livres, esta tem domínio sobre nós e nada menos do que a morte pode libertar-nos desse domínio. Mas é isso exatamente a doutrina libertadora do capítulo 7 aos Romanos que diz: "Assim que, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou de entre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus" (Rm 7:4). Eis a liberdade verdadeira; pois, "se o Filho vos libertar,

verdadeiramente sereis livres" (João 8:36), "De maneira que, irmãos, somos filhos não dá escrava, mas da livre" (Gl 4:31).

Ora, é no poder dessa liberdade que podemos obedecer ao mandamento: "deita fora a serva e seu filho". Se não tivéssemos a consciência de sermos livres, procuraríamos sem dúvida conseguir a liberdade, e isso pelo meio mais estranho, a saber, por conservar a escrava em casa, ou por outras palavras, esforçar-nos-emos por alcançar a vida, guardando a lei; procurando assim estabelecer a nossa própria justiça. Sem dúvida, não nos é sempre fácil, a princípio, recusar de todo o nosso homem velho, e identificar-nos com o novo, isto é, com Cristo: reconhecer aquele como inútil e este como sendo tudo, pois o legalismo que é tão natural

ao coração humano esforça-o para mostrar algum valor. "E pareceu esta palavra muito má aos olhos de Abraão por causa do seu filho" (v. 11). Apesar disso, por penoso que seja o de que falamos, é da vontade de Deus que continuamente estejamos "firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e que não tornemos a meter-nos debaixo do jugo da servidão" (Gl 5:1).

Deus conceda que entremos por experiência viva na posse plena das bênçãos que Deus nos legou em Cristo, deixando ao mesmo tempo de alimentar quaisquer esperanças na carne, quer no que ela pode ser, obrar ou produzir. Pois em Cristo temos toda a plenitude, e no gozo desta realidade podemos exclamar: "As coisas velhas já passaram e tudo se fez novo" (2ª Co 5:17).

C. H. M.

O BOM PASTOR

Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas. Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas. João 10:11, 14 e 15.

Este capítulo dez de João parece com um quebra-cabeças, cujas peças principais precisam ser reunidas. Ao juntar as peças, temos o maravilhoso quadro da natureza, obra e segurança do Bom Pastor. Certamente você já leu muitos artigos sobre essa maravilhosa verdade, entretanto, quero expor aquilo que tem enchido meu coração nestes dias difíceis. Pensar que o bom Pastor cuida das suas ovelhas, dá-nos muita força para prosseguirmos, pois somos dele. Quando as estruturas em todas os ângulos de visão estão sendo abaladas, temos na voz do bom Pastor a direção segura e o suprimento certo.

Voltemos nosso olhar para este

maravilhoso capítulo da Bíblia, e vejamos sua conexão com muitas outras declarações do amor Divino e proposição Divina para as suas ovelhas.

O primeiro aspecto a ser considerado deve ser o contexto em que essa parábola e ensino está sendo apresentado. A figura usada para ensinar essa preciosa verdade espiritua, é a de um rebanho de ovelhas. Naquela região da Judeia era muito comum ver um rebanho de ovelhas, que pastava durante o dia e à noite era conduzido para o curral. Estas muralhas feitas de pedra, com uma porta de entrada, serviam de proteção contra o ataque de lobos ou outra fera do campo. Esse cercado no campo era usado nas

noites de verão, quando o pastor se deitava na entrada para dar segurança às suas ovelhas. No inverno, porém, os rebanhos não podiam permanecer nos campos, por isso eram conduzidos para um grande aprisco nas imediações das suas cidades, e ali um porteiro abria a porta para todos os rebanhos entrarem. No dia seguinte cada pastor chamava suas ovelhas para conduzi-las novamente às pastagens.

O cego de nascença, curado no capítulo nove, dá o contexto espiritual para a mensagem de Jesus. Os pastores de Israel desprezavam essas ovelhas ao considerar seu sofrimento como consequência do seu próprio pecado, e mesmo vendo o cego curado, o expulsaram. No templo, depois que ele fora curado, Jesus teve o encontro, de valor espiritual, com este cego; como está escrito: "Jesus ouviu que o haviam expulsado, e, ao encontrá-lo, disse: Você crê no filho do homem? Perguntou o homem: Quem é ele, Senhor, para que eu nele creia? Disse Jesus: Você já o tem visto. É aquele que está falando com você. Então o homem disse: Senhor, eu creio. E o adorou. Jo.9:35-38.

O bom Pastor foi ao encontro dessa ovelha que havia sido maltratada e expulsa pelos falsos pastores e mercenários, cujo interesse era apenas material.

Jesus revelou sua Natureza Divina. O bom Pastor, movido com a atitude dos falsos pastores de Israel, firmou: "Eu Sou" o bom Pastor. Essa afirmação trazia em sua etimologia uma declaração de Divindade. Lembrava a revelação de Deus a Moisés em Êxodo 3:14 onde Deus afirmou "Eu Sou o que Sou". Os fariseus, irados, pensaram: Isso é blasfêmia! Ele não pode dizer que é o Grande "Eu Sou". Quando Jesus se apresentou dessa forma também assumia a posição revelada no Salmo 23.

Nesse Salmo o salmista olhou para os céus e disse: "O Senhor é o meu Pastor". Agora o próprio Pastor Divino estava ali entre eles, porém eles não o reconheceram. Diziam os religiosos fariseus: Ele blasfema! Nenhum mortal pode usar essas palavras em relação a si mesmo!

Como "Filho do homem", título que ele usou muitas vezes, ele se identificava com a profecia de Daniel (Dn 7:13) e assim estava dizendo que ele entrou pela porta das profecias, ao curral das ovelhas do Pai. Nesta posição intermediária entre o homem e Deus, ele era a porta de acesso ao Pai. "Eu sou a porta; quem entrar por mim será salvo." (v. 9).

Estaria Jesus usurpando um título Divino? Esses judeus interpretaram assim, contudo o apóstolo afirma que Jesus não usurpou qualquer título ou afirmação de seu Ser Divino, Ele estava, sim, revelando sua Divindade escondida atrás do véu da natureza humana. Em Filipenses 2:6 o apóstolo diz: "Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus,...".

O segundo grande ensino deste capítulo é a Segurança Divina. As suas ovelhas estão eternamente seguras em suas mãos. Ele afirmou: "Conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem" (14) ... eu lhes dou a vida eterna, e elas jamais perecerão; ninguém as poderá arrancar das minhas mãos." (vs. 27, 28) O conhecimento das ovelhas é um importante elemento nesta afirmação de segurança eterna. Ele conhece todas as fraquezas passadas, presentes e o que aconteceria no futuro de cada uma das suas ovelhas, e mesmo assim sua afirmação permanecia imutável: "eu lhes dou a vida eterna, e elas jamais perecerão; ninguém as poderá arrancar da minha mão". Segundo o comentarista Moody, Jesus fez uso da mais forte expressão naquela língua, ao dizer que ninguém poderia retirar uma só ovelha das suas mãos.

Que segurança temos ao reconhecermos e obedecermos sua voz! Que diferença faz para nós, nas grandes dificuldades, nos concentrarmos nessa verdade! Conseguimos silenciar nosso coração e parar nossa corrida frenética por soluções. Somos, sim, como as ovelhas; que podem sentir medo até do seu próprio reflexo na fonte de águas cristalinas; que fogem ao menor sinal de perigo e perdem a direção. As atuais situações no mundo podem nos fazer decair do nosso estado de confiança para um ambiente de medo. Muitos crentes estão ficando desesperados, passam a correr sem direção segura, em busca de soluções; seguem distantes da vontade do bom Pastor. Mesmo quando as ovelhas, na sua curta visão, não conseguiam ver o pastor, elas se orientavam pela sua voz. Nós precisamos ouvir a voz de Jesus o bom Pastor, precisamos silenciar a nossa alma diante dele e confiar que Ele nos guiará até o aprisco seguro.

Cerca de dois meses após esse primeiro embate com os fariseus, seguindo aqui no final do capítulo 10 de João, vemos Jesus mais uma vez ser interpelado por eles: "Até quando nos deixará em suspense?" Se é você o Cristo, diga-nos abertamente". (v24)

Diante dessa pergunta Jesus fez a objetiva e direta afirmação da sua

Divindade: "Eu e o Pai somos um". (10:30). Com essa afirmação Jesus passou ao argumento das Obras Divinas. Havia plena unidade entre ele e o Pai. Deus o Pai, em Seu Divino Poder, realizou os milagres, e Jesus nessa unidade conhecia perfeitamente os pensamentos e obedecia à Vontade do Pai.

Essa unidade e conhecimento era agora demonstrada pelas Obras Divinas realizadas por Jesus. Dar vista a um cego de nascença só era possível a Deus. Com esses três argumentos em destaque aqui e outros ensinados neste texto, Jesus estabeleceu a diferença entre os falsos pastores e o Verdadeiro Pastor, e esperou que esses judeus entendessem e se submetessem a essa verdade.

Como devemos reagir diante dessa visão do bom Pastor? Como podemos superar os desafios e tremendas dificuldades neste tempo, se não fundamentarmos nossa fé na garantia de que somos eternamente dele e Ele é poderoso para nos conduzir até o fim? Muitos cristãos estão sendo diretamente afetados nas grandes calamidades que estão acontecendo neste momento no mundo. De onde virá o livramento? Como Deus vai abrir um caminho de salvação para o seu povo?

Ouçã a voz do Bom Pastor, aquiete a sua alma diante dEle e siga-O em completa confiança.

Cláudio Martinowski

A SENDA DO CRISTÃO

Publicação trimestral cristã, sem fins lucrativos e mantida por ofertas voluntárias.

FUNDADOR: Kenneth Jones

Sugestões e artigos devem ser encaminhados ao:

EDITOR RESPONSÁVEL: Orlando Arraz Maz **e-mail:** arrazmaz@uol.com.br

Ofertas e pedidos devem ser encaminhados à

TESOUREIRA: Margaret Crawford; **e-mail:** asendadocristao@gmail.com

Bradesco: Ag. 1500-8 - C/C 006478-5 - Favor enviar cópia do depósito por e-mail; OU uma foto por WHATSAPP EXCLUSIVO para A SENDA DO CRISTÃO (16) 99998-

4564 indicando que pessoa ou igreja enviou. PIX = CELULAR

Para orientação das igrejas e dos irmãos, o custo de cada exemplar de

A Senda do Cristão é de R\$ 0,90.